

ALEXSANDRO DA SILVA CASSIANO

**A QUESTÃO DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO NA GESTALT-TERAPIA
BRASILEIRA:
UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA**

Uberlândia
2025

ALEXSANDRO DA SILVA CASSIANO

**A QUESTÃO DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO NA GESTALT-TERAPIA
BRASILEIRA:
UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Instituto de Psicologia da
Universidade Federal de Uberlândia,
como requisito parcial à obtenção do
Título de Bacharel em Psicologia.
Orientador: Tommy Akira Goto

Uberlândia
2025

A questão do método fenomenológico na Gestalt-terapia brasileira: uma revisão sistemática de literatura.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Tommy Akira Goto

Banca examinadora

Uberlândia, 27 de Maio de 2025

Prof Dr. Tommy Akira Goto – Presidente da Banca
Universidade Federal de Uberlândia

Prof Dr. Paulo Coelho Castelo Branco – Examinador
Universidade Federal do Ceará

Prof. Josiane Maria Tiago de Almeida – Examinadora
Centro Universitário Alves Faria

Uberlândia
2025

Resumo

Através de uma revisão sistemática da literatura (RSQL), objetivou-se investigar como os gestalt-terapeutas brasileiros estabelecem a relação entre a Gestalt-terapia e o método fenomenológico, com foco nos fundamentos conceituais que sustentam essa prática, conforme os princípios de Edmund Husserl. Foram analisados nove artigos publicados entre 2005 e 2025, selecionados de bases como SciELO, LILACS, PePSIC, Phenomenology, Humanities and Sciences e Revista da Abordagem Gestáltica. Realizou-se uma análise quantitativa sobre os resultados e também uma análise qualitativa que abrangeu três dimensões: (I) fenomenologia como base epistemológica, (II) método fenomenológico como procedimento clínico, e (III) atitude fenomenológica como postura do terapeuta. Os resultados indicaram que a Revista da Abordagem Gestáltica concentrou 55,6% das publicações, e o Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia (ITGT) destacou-se nas filiações institucionais. Diante da análise qualitativa foi observado que a fenomenologia é frequentemente citada como pilar teórico, mas sua aplicação carece de rigor husserliano, priorizando a descrição empírica da experiência singular no *aqui-e-agora* em detrimento da busca por essências universais. Conceitos como *fronteira de contato* e *awareness* são associados à fenomenologia, mas refletem influências humanistas e pragmatistas. A atitude fenomenológica, embora inspirada na epoché, limita-se a uma escuta empática, sem a suspensão radical de pressupostos proposta por Husserl. Conclui-se que, apesar de enriquecer a prática clínica, a apropriação da fenomenologia na Gestalt-terapia brasileira é superficial, demandando maior aprofundamento teórico na formação de terapeutas para alinhar teoria e prática de forma coerente.

Palavras-chave: Gestalt-terapia, fenomenologia, Husserl, psicologia clínica, método fenomenológico

Abstract

Through a systematic literature review (RSQL), this study aimed to investigate how Brazilian Gestalt therapists establish the relationship between Gestalt therapy and the phenomenological method, focusing on the conceptual foundations that underpin this practice, according to the principles of Edmund Husserl. Nine articles published between 2005 and 2025 were analyzed, selected from databases such as SciELO, LILACS, PePSIC, Phenomenology, Humanities and Sciences, and Revista da Abordagem Gestáltica. A quantitative analysis of the results was conducted, as well as a qualitative analysis encompassing three dimensions: (I) phenomenology as an epistemological basis, (II) the phenomenological method as a clinical procedure, and (III) the phenomenological attitude as the therapist's stance. The results indicated that Revista da Abordagem Gestáltica concentrated 55.6% of the publications, and the Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia (ITGT) stood out in terms of institutional affiliations. The qualitative analysis revealed that phenomenology is frequently cited as a theoretical pillar, but its application lacks Husserlian rigor, prioritizing the empirical description of singular experience in the here-and-now to the detriment of the search for universal essences. Concepts such as contact boundary and awareness are associated with phenomenology but reflect humanistic and pragmatist influences. The phenomenological attitude, although inspired by the epoché, is limited to empathic listening, without the radical suspension of presuppositions proposed by Husserl. It is concluded that, despite enriching clinical practice, the appropriation of phenomenology in Brazilian Gestalt therapy is superficial, demanding greater theoretical depth in the training of therapists to align theory and practice coherently.

Keywords: Gestalt therapy, phenomenology, Husserl, clinical psychology, phenomenological method

Sumário

Introdução	4
Método	9
Procedimentos.....	10
Resultados	12
Discussão.....	17
Considerações finais.....	36

INTRODUÇÃO

A Gestalt-terapia é uma abordagem psicoterapêutica fenomenológico-existencial, tendo como marco de fundação a publicação, em 1951, da obra “Gestalt-terapia” (*Gestalt Therapy: Excitement and Growth in The Human Personality*) escrita por Frederick Perls (1883-1970), Ralph Hefferline (1910-1974) e Paul Goodman (1911-1972), em Nova Iorque. A obra em questão é constituída a partir da articulação de alguns questionamentos teóricos que em seus desdobramentos, sugerem uma proposta de revisão da Psicanálise e marcam a ruptura de Fritz com a teoria freudiana (Perls, 1942/2002). Nessa construção, funda-se uma alternativa de psicoterapia tendo como ponto central a tomada de consciência do sujeito em relação ao mundo e às suas vivências.

A nova proposta de Fritz pauta-se na busca por compreender o ser humano como um todo integrado, em constante relação com o meio, e que busca favorecer a tomada de consciência de si mesmo no momento presente. Ela ensina a terapeutas e pacientes o “método fenomenológico de *awareness*”, que diz respeito à vivência direta e imediata na qual perceber, sentir e atuar são diferenciados de interpretar e modificar atitudes preexistentes (Yontef, 1998, p. 15). Essa perspectiva rompe com modelos tradicionais que se baseiam exclusivamente na análise do passado, enfatizando a vivência do “aqui-e-agora”, sendo este um ponto de partida para a autocompreensão e transformação (Perls, 1988).

Trata-se de uma abordagem que apresenta um campo de constante construção, que valoriza a singularidade da experiência e a autenticidade da relação terapêutica. Levando em conta que a abordagem reúne diversas influências, articulando elementos da fenomenologia, do existencialismo, da teoria de campo e da psicologia *Gestalt*. Trata-se de uma integração teórica que não foi construída de maneira linear ou sistemática, mas sim resultado das experiências pessoais e profissionais de seus fundadores, somadas a um rico diálogo com diferentes áreas do conhecimento (Ginger & Ginger, 1995).

A *Gestalt-terapia* tem sido tradicionalmente vinculada à Fenomenologia desde sua fundação, sendo tratada comumente como uma abordagem "humanista fenomenológico-existencial". Essa alusão aparentemente natural remete às próprias declarações de Perls, que em sua autobiografia afirmou: "[...] fiz da tomada de consciência o ponto central da minha abordagem, reconhecendo que a fenomenologia é o passo básico e indispensável no sentido de sabermos tudo que é possível saber" (PERLS, 1979, p. 70). Todavia, essa relação pode revelar complexidades e nuances que merecem atenção especial quando consideramos a aplicação dos conceitos filosóficos, em especial os fenomenológicos, na prática clínica contemporânea.

A Fenomenologia, filosofia de grande relevância no século XX, surgiu na busca do matemático e filósofo Edmund Husserl (1859-1938) em estabelecer novas bases para a compreensão da consciência e da experiência humana. O método fenomenológico proposto por Husserl como recurso epistemológico tem a pretensão de abordar as questões filosóficas, científicas e pré-científicas no sentido do esclarecimento das “coisas mesmas” (Gomes & Castro, 2010).

A partir das análises fenomenológicas da consciência, Husserl chega à elaboração de uma “Psicologia Fenomenológica”, que surge de sua crítica contundente ao naturalismo psicologista que dominou a Psicologia moderna, propondo uma radical reorientação metodológica. Em face à “crise das ciências”, diagnosticada por Husserl em seus últimos escritos, a Fenomenologia busca resgatar a subjetividade como fonte legítima de conhecimento, por meio da *epoché* fenomenológica, que suspende as pressuposições sobre a existência do mundo externo (natural) e permite um retorno à experiência vivida (Husserl, 1936/2012). Assim, sua “psicologia fenomenológica”, a partir do método psicológico-fenomenológico, fundamentado na descrição precisa dos fenômenos da consciência psíquica e na variação eidética para isolar suas estruturas essenciais, visa a constituição de uma ciência psicológica das essências psíquicas. Ao fazê-lo, a psicologia fenomenológica ambiciona transcender o

reducionismo da abordagem naturalista e objetiva da vida psíquica, articulando a singularidade da experiência subjetiva com uma sólida fundamentação epistemológica, e assim, restaurando à psicologia sua capacidade de abordar as questões últimas e genuinamente humanas (Goto, 2015).

Por outro lado, pode-se compreender que a Psicologia humanista, o existencialismo e a fenomenologia se entrelaçaram historicamente na proposição de uma terceira via em psicologia, segundo Feijoo e Mattar (2016), em oposição aos modelos comportamentalista e psicanalítico. Na década de 1950, psicólogos americanos como Rollo May, por exemplo, passaram a integrar sob a expressão “Psicologia Existencial-Humanista” temas centrais do humanismo (autorrealização, potencial de crescimento, congruência terapêutica) com os questionamentos existenciais de S. Kierkegaard e J. P. Sartre, como, liberdade, angústia e responsabilidade (Feijoo & Mattar, 2016). A fenomenologia se disseminou e tornou-se alvo de diferentes interpretações e aplicações como na sua integração as ‘abordagens humanistas/existenciais-fenomenológicas’ e da utilização do método fenomenológico como metodologia em pesquisas qualitativas (Orengo, Holanda & Goto, 2020).

Importante também destacar que foi nesse contexto histórico que se deu o surgimento da *Gestalt-terapia*, podendo assim oferecer importantes pistas para compreender essa apropriação particular da Fenomenologia. Como parte do movimento mais amplo da Psicologia Humanista – que Maslow (1962/1970) denominou de “terceira força” na psicologia – a abordagem gestáltica compartilhava a crítica contundente tanto ao behaviorismo quanto à psicanálise ortodoxa. Nesse contexto, a Fenomenologia foi vista como um aliado filosófico natural, oferecendo uma alternativa conceitual que valorizava a experiência subjetiva imediata e a liberdade humana.

Observando a obra fundadora da Gestalt-terapia, *Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality* (1951), percebe-se que F. Perls, Hefferline e Goodman

fazem referência à Fenomenologia principalmente em três dimensões interrelacionadas. Em primeiro lugar, como método para descrever e explorar a experiência consciente imediata (*awareness*), conforme exemplificado na passagem: "Do ponto de vista filosófico este é um treinamento em fenomenologia: a percepção de que sua sequência de pensamentos (...) é antes de tudo algo que existe por direito próprio" (Perls, et al., 1951, p. 81). Em segundo lugar, como abordagem alternativa ao modelo científico causal predominante. E, em terceiro lugar, como fundamento para uma compreensão holística do ser humano. Contudo, como observa Goto (2015), existe uma distinção fundamental entre o projeto husserliano original da “psicologia fenomenológica” e a apropriação feitas pelas psicologias humanistas fenomenológicas e existenciais e, em especial aqui: a Gestalt-terapia.

Agora, no cenário brasileiro um acontecimento marcante foi a promoção da Gestalt-terapia, pelo Instituto *Sedes Sapientiae*, do primeiro curso de especialização na Abordagem Gestáltica na década de 70. Foi nesses primeiros cursos que a *Gestalt-Terapia* foi apresentada com referencial fenomenológico" (Esch & Jacó-Vilela, 2019).

Diante desse momento, a associação entre *Gestalt-terapia* e Fenomenologia foi fortemente reforçada por importantes figuras, tal como de Jorge Ponciano Ribeiro (2012), que afirmou categoricamente: "[...] como método de compreensão da realidade, nada melhor que a fenomenologia para nos ajudar a ler, a descrever e a interpretar o que para nós, psicoterapeutas, está presente" (Ribeiro, 2012, p. 63). Esta posição foi ecoada por diversos outros autores nacionais, como evidenciado nos trabalhos de Granzotto e Muller-Granzotto (2007), que buscaram revisar sistematicamente os conceitos centrais da *Gestalt-terapia* à luz da fenomenologia husserliana. Da mesma forma, Pinto (2015) defende que "para a Gestalt-terapia – como psicologia fenomenológica –, o importante na compreensão diagnóstica é uma atitude que permita o surgimento da originalidade do cliente" (Pinto, 2015, p. 27).

Pesquisadores que analisaram como os psicólogos brasileiros compreendem a “Psicologia Fenomenológica” evidenciaram que os profissionais referenciam a Fenomenologia como uma “abordagem” da Psicologia fazendo menções como “psicologia fenomenológica” ou “abordagem fenomenológica”, recorrendo a ideias como: noético-noemática, *epoché* e as reduções fenomenológicas em suas práticas clínicas como uma conexão entre a filosófica e a prática psicoterapêutica. Cabe destacar também que a abordagem psicoterapêutica que mais frequentemente apresenta essa associação é a *Gestalt-terapia*, sendo utilizada como base filosófica para suas práticas, apesar de não apresentar clareza e rigor à operacionalização das ideias e do método fenomenológico abordados por Husserl em suas práticas psicoterapêuticas (Oregon, Holanda & Goto, 2020).

Ainda, pode-se observar uma ambiguidade fundamental sobre os sentidos da Fenomenologia na obra fundadora da Gestalt-terapia, tal como foi abordada na pesquisa realizada por Almeida (2022): enquanto a Fenomenologia é frequentemente referida como fundamento e método filosófico central da abordagem, sua aplicação concreta na teoria e na prática clínica muitas vezes acaba se distanciando significativamente dos princípios fenomenológicos (husserlianos) originais, aproximando-se mais de uma postura genérica de valorização da experiência subjetiva e uma “visão de mundo” (*Weltanschauung*) do que de um método psicológico-fenomenológico rigoroso (Almeida, 2022). Para nossa pesquisa, esta constatação é particularmente relevante, porque sugere que a relação entre *Gestalt-terapia* e fenomenologia pode ter se estabelecido, em muitos casos, sobre bases conceituais frágeis ou incompletas.

Diante desse cenário de apropriações e ambiguidades conceituais, torna-se crucial analisar como os *gestalt-terapeutas* brasileiros estão atualmente estabelecendo essa relação da *Gestalt-terapia* com a Fenomenologia. Diante disso, busca-se então compreender, como, sob quais fundamentos conceituais, os *gestalt-terapeutas* brasileiros reconhecem e sustentam a sua

prática psicoterapêutica como alinhada à perspectiva fenomenológica, em especial no que tange à filiação — explícita ou implícita — ao método fenomenológico e à atitude fenomenológica tal como formulados por Edmund Husserl. A questão aqui ultrapassa a curiosidade acadêmica e tem implicações significativas para o fortalecimento da abordagem, fomentando a ideia de um sistema teórico-clínico coerente para a formação de novos profissionais na área. Como observado por Holanda (2005) em sua reflexão sobre os fundamentos da Gestalt-terapia, "um senso de coerência interna" entre teoria e prática não é apenas desejável, mas essencial para o desenvolvimento consistente da abordagem (Holanda, 2005, p. 25).

MÉTODO

A presente investigação teve como método de pesquisa a revisão de literatura de caráter qualitativo, sendo aplicada a revisão sistemática qualitativa da literatura (RQSL). A revisão sistemática da literatura em sua vertente qualitativa, tem sido utilizada por ser uma estratégia metodológica relevante na Psicologia, pois permite uma análise abrangente, rigorosa e crítica da produção científica para responder a uma pergunta específica (Camilo & Garrido, 2019).

Assim, seguindo o método adotado, estruturou-se a Revisão Qualitativa Sistemática da Literatura, contemplando etapas sequenciais: inicialmente, definição precisa do problema de pesquisa; em seguida, a identificação e seleção das bases de dados pertinentes, acompanhada pela determinação de palavras-chave estratégicas; posteriormente, a execução da busca de artigos e organização sistemática dos resultados obtidos; e, finalmente, a triagem criteriosa dos artigos, aplicando parâmetros específicos de inclusão e exclusão previamente estabelecidos conforme os objetivos da investigação. Após o levantamento dos artigos em questão, foram analisados e condensados por meio de uma leitura minuciosa e os dados relevantes à pesquisa foram organizados em uma planilha no *Microsoft Excel* (Akobeng, 2005).

PROCEDIMENTOS

Para a realização da busca, foi delimitada a seguinte pergunta norteadora: “como os *gestalt-terapeutas* brasileiros estão atualmente estabelecendo a relação da Gestalt-terapia com o método fenomenológico?” Para responder a essa questão-problema, realizou-se uma revisão sistemática da literatura nas seguintes bases de dados eletrônicas: SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), LILACS (*Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde*), PePSIC (*Biblioteca Eletrônica de Psicologia*), *Phenomenology, Humanities and Sciences* e *Revista da Abordagem Gestáltica*. Esta última acessada por meio do filtro da base PEPSIC.

A escolha pela base SCIELO justifica-se por sua relevância na divulgação da produção científica na América Latina, especialmente no Brasil, com ampla cobertura das ciências humanas e sociais aplicadas, incluindo a psicologia. O site LILACS se justifica para levantamento de dados devido sua representatividade na indexação de publicações científicas da América Latina, tendo ênfase em áreas como psicologia, saúde mental e ciências humanas aplicadas à saúde. Em relação a PePSIC foi utilizada devido a sua especialização exclusiva de publicação em psicologia, reunindo periódicos brasileiros que contemplam diversas abordagens teóricas e práticas clínicas. As revistas *Phenomenology, Humanities and Sciences* e *Revista da Abordagem Gestáltica* foram incluídas pela relevância e especificidade em centrar na produção científica sobre Gestalt-terapia e Fenomenologia. Portanto, essas cinco fontes de base de dados podem sanar a necessidade a ser pesquisada, levando em consideração sua relevância no Brasil e podendo ter publicações sobre a questão norteadora da pesquisa.

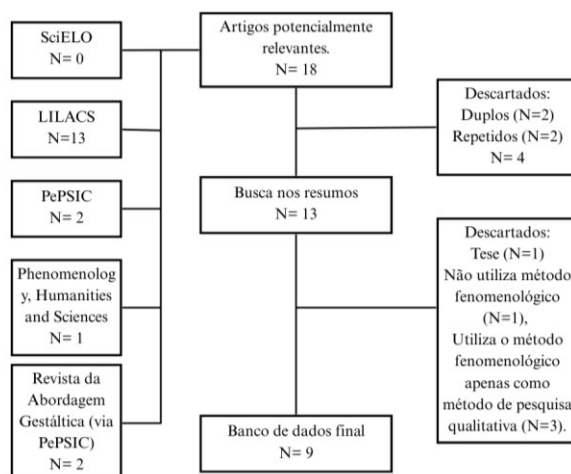
A partir da combinação dos termos descritos de busca com os operadores lógicos “OR” e “AND” foi construída a seguinte *string* de busca: “Gestalt-terapia”, AND “método fenomenológico”, AND “psicoterapia”. Os índices foram aplicados nos campos de título, resumo, palavras-chave, assunto e descritor de assunto das bases consultadas. A apuração inicial resultou na identificação de 18 artigos potencialmente relevantes para a questão investigada, conforme representado na figura 1.

Os critérios de inclusão utilizados para a seleção dos artigos foram os seguintes: a) abordar explicitamente o uso do método fenomenológico na prática psicoterapêutica da *Gestalt-terapia*, seja por meio de reflexões teóricas ou de práticas clínicas; b) tratar-se de artigo completo, de natureza teórica ou empírica; c) estar redigido em língua portuguesa; d) estar indexado em periódicos da área da Psicologia.

Ainda, no processo de refinamento dos resultados, foram aplicados critérios específicos de exclusão, descartando-se: a) produções internacionais, para manter o foco exclusivamente na literatura brasileira; b) publicações anteriores a 2005, estabelecendo um recorte temporal dos últimos vinte anos (2005-2025); c) artigos sem abordagem explícita da relação entre *Gestalt-terapia* e método fenomenológico; d) formatos como resumos, resenhas, editoriais, dissertações, teses e trabalhos não publicados em periódicos científicos; e) textos sem enfoque na teoria e prática psicoterápica da *Gestalt-terapia*; e, por fim, f) artigos veiculados em periódicos não pertencentes à área da Psicologia ou desprovidos de qualificação científica reconhecida pelos sistemas de avaliação vigentes.

De maneira ilustrativa a Figura 1 demonstra em um fluxograma como se sucedeu a seleção dos artigos a serem utilizados em nossa amostra bibliográfica (Akobeng, 2005).

Figura 1
Estratégia de busca



Por meio da pesquisa foram encontrados então um total de 18 artigos, sendo 0 (zero) na base de dados SciELO, 13 (treze) artigos na LILACS, 02 (dois) artigos na PePSIC, 01 (um) artigo na *Phenomenology, Humanities and Sciences*, e sendo 02 (dois) artigos pela *Revista da Abordagem Gestáltica*. Aplicando os critérios de inclusão e exclusão, foram descartados duplicados (N=2), e repetidos (N=2), e 01 (uma) tese. Após a análise dos resumos excluiu-se 01 (um) artigo que não utilizava o método fenomenológico, e outros 03 (três) artigos em que o método fenomenológico foi utilizado somente como método de pesquisa qualitativa, sem relação direta com a prática da *Gestalt-terapia*. Assim, o banco de dados final de artigos selecionados foram (N=9) que compuseram a fonte para nossa revisão sistemática da literatura diante da pergunta norteadora.

A análise dos artigos ocorreu em duas etapas. Na primeira etapa, de ordem quantitativa, os trabalhos foram categorizados segundo: distribuição temporal, desempenho dos periódicos brasileiros, *ranking* dos psicólogos com maior índice de produção e filiações institucionais dos autores e coautores. Na segunda etapa, realizou-se uma análise qualitativa aprofundada, contemplando três dimensões: (I) Fenomenologia como base epistemológica, (II) Método Fenomenológico como procedimento prático-clínico, e (III) Atitude Fenomenológica como postura do terapeuta.

RESULTADOS

Os artigos selecionados para a primeira análise passaram por uma categorização através de uma planilha onde foi feita a distribuição e organização das informações pertinentes a categorização.

Tabela 1
Distribuição de publicações de 2005 a 2025.

Ano	F	%
2005	-	-
2006	-	-
2007	-	-
2008	1	11,1
2009	-	11,1
2010	1	11,1
2011	1	11,1
2013	2	22,2
2016	1	11,1
2019	1	11,1
2020	1	11,1
2021	-	-
2022	-	-
2023	1	11,1
2024	-	-
2025	-	-
Total	9	100

Em relação à distribuição temporal, pode-se entender que o ano com maior produção foi de 2013 (N= 2; 22,2%), os demais anos tiveram um artigo apenas, dentre os outros artigos encontrados tivemos um intervalo entre publicações de um a dois anos. Não foram identificadas correlações relevantes diante as suas datas e meios de publicação.

Tabela 2
Distribuição de periódicos que publicaram sobre a relação da Gestalt-terapia com o método fenomenológico.

Periódico	F	%
Revista da Abordagem Gestáltica	5	55,6
Contextos Clínicos	1	11,1
Estudos e Pesquisas em Psicologia	2	22,2
PHS Phenomenology, Humanities and Sciences	1	11,1
Total	9	100

Em relação ao desempenho dos periódicos publicados pode-se dar destaque para a *Revista da Abordagem Gestáltica* concentrando mais da metade das publicações (N= 5; 55,6%). Sendo uma das revistas pioneiras no Brasil em publicações direcionadas a relação da

Psicologia e Fenomenologia, agregando os conteúdos que antes estavam dispersos no campo da filosofia e psicologia. Durante seu desenvolvimento mais especificamente no ano de 2006 a revista introduz a relação da fenomenologia como fundamento para os discursos da *Gestalt-terapia*, sendo a partir desse ano que é nomeada como “Revista da Abordagem Gestalt-terapia” (Holanda, Souza & Ferrete, 2020). Podemos reafirmar nesse ponto a relevância da “Revista da Abordagem Gestalt-terapia” no cenário de publicações científicas brasileiras sobre a publicações em relação a Gestalt-terapia.

Em segundo lugar (N= 2; 22,2%) temos a “Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia” do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), essa editora não possui uma delimitação tão específica, buscando publicar artigos inéditos em sua revista contemplando de forma mais ampla psicologia clínica, social, institucional, educacional, saúde, trabalho e outras subáreas.

Na revista “Contextos Clínicos” foi encontrado 01 (um) artigo (11,1%) e possui uma linha editorial em que privilegia produções sobre investigações empíricas e revisões sistemáticas e integrativas da literatura que abordam a Psicologia Clínica em diferentes contextos. E, por último tem-se a revista “Phenomenological Studies” apresentando apenas 01 (um) artigo (11,1%), essa busca delimitar suas publicações sobre estudos que exploram a contribuição da fenomenologia em contextos multiprofissionais e interdisciplinares.

Em relação aos autores, devido ao tamanho reduzido da amostra final (N=9), não foram identificados pesquisadores com publicações recorrentes na temática, impossibilitando a realização de uma análise de frequência autoral, procedimento comumente adotado em revisões sistemáticas com amostras mais expressivas.

Tabela 3
Frequência de publicações por autor e coautor na amostra analisada.

Autores e coautores	Instituição(ões) de vínculo	Número de publicações
Aline Ferreira Campos	Instituto de Gestalt-Terapia de Brasília (IGTB)	1
Marta Helena de Freitas	Universidade Católica de Brasília (UCB)	1
Jorge Ponciano Ribeiro	Universidade de Brasília (UnB) / Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) / Instituto de Gestalt-Terapia de Brasília (IGTB)	1
Livia Cardoso Ferreira	Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia (ITGT)	1
Nara Cristina Leão	Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia (ITGT)	1
Celana Cardoso Andrade	Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia (ITGT)	1
Lázaro Castro Silva Nascimento	Universidade Federal do Pará (UFPA) / Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas (NUFEN) / Grupo de Estudos em Gestalt-Terapia (GEGT-Belém)	1
Kamilly Souza do Vale	Universidade Federal do Pará (UFPA) / Pesquisadora do Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas (NUFEN) / Grupo de Estudos em Gestalt-Terapia (GEGT-Belém)	1
Cristine Monteiro Mattar	Universidade Federal de Sergipe (UFS)	1
Érico Douglas Vieira	Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)	1
Luc Vandenberghe	Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)	1
Georges Daniel Janja Bloc Boris	Universidade de Fortaleza (UNIFOR)	1
Paula Arenhart Rocha	Universidade Federal do Paraná (UFPR)	1
Joanneliese de Lucas Freitas	Universidade Federal do Paraná (UFPR)	1
Evelyn Denisse Felix de Oliveira	Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)	1
Sonia Grubit	Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)	1
Hinayana Leão Motta	Universidade Católica de Goiás (UCB)	1
Gustavo Alves Pereira de Assis	Universidade de Rio Verde (UniRV)	1
Leila Ribeiro Satelis	Universidade de Rio Verde (UniRV) / Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia (ITGT)	1
Total de Publicações		19

Dentre os autores e coautores (N= 19), destacam-se duas publicações individuais assinadas uma por Georges Daniel Janja Bloc Boris e a outra pela Cristine Monteiro Mattar. Também figura como importante colaborador Jorge Ponciano Ribeiro, pesquisador com contribuições significativas para o desenvolvimento da Gestalt-terapia no Brasil. O autor Georges Daniel Janja Bloc Boris, vinculado à Universidade de Fortaleza (UNIFOR),

desenvolve estudos no campo da fenomenologia-existencial e, conforme apontam Schievano e Goto (2024), destaca-se como um dos principais pesquisadores em psicoterapia fenomenológica no país, sendo reconhecido também por seu trabalho como tradutor da obra de Fritz Perls no contexto brasileiro. Enquanto, Cristine Monteiro Mattar, vinculada à Universidade Federal de Sergipe (UFS), desenvolve pesquisas nas interfaces entre Psicologia, Filosofia e Clínica psicoterápica, com ênfase na abordagem fenomenológico-hermenêutica. O autor Jorge Ponciano Ribeiro, associado à Universidade de Brasília (UnB) e à Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), desempenha papel fundamental na reflexão teórica da Gestalt-terapia, contribuindo significativamente para sua fundamentação no contexto brasileiro, especialmente por meio de obras como “Conceito de mundo e de pessoa em Gestalt-terapia” (2011).

Também foi conduzido uma análise sobre as instituições que os 19 autores e coautores mencionam estar vinculados no artigo. Para isso decidiu-se explorar aqueles que tiveram no mínimo duas menções de vinculação dentro dos artigos da amostra em relação ao tema pesquisado.

Tabela 4
Distribuição das filiações institucionais e entidades.

Instituição/Entidade	F	%
Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia (ITGT)	4	16,67
Grupo de Estudos em Gestalt-Terapia (GEGT-Belém)	2	8,33
Instituto de Gestalt-Terapia de Brasília (IGTB)	2	8,33
Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas (NUFEN)	2	8,33
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás)	2	8,33
Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)	2	8,33
Universidade de Rio Verde (UniRV)	2	8,33
Universidade Federal do Pará (UFPA)	2	8,33
Universidade Federal do Paraná (UFPR)	2	8,33
Universidade Católica de Brasília (UCB)	1	4,17
Universidade Católica de Goiás (UCG)	1	4,17
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)	1	4,17
Universidade Federal de Sergipe (UFS)	1	4,17
Total de Menções	24	100

Entre as instituições identificadas, destacou-se com maior frequência o “Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia” (ITGT), representando 16,67% (N=4) das filiações institucionais. Esta organização dedicada ao ensino e pesquisa tem como missão a promoção e o desenvolvimento da Gestalt-terapia no Brasil, sendo reconhecida por sua especialização nas produções científicas da área e por seu pioneirismo como primeira instituição brasileira a oferecer um curso de pós-graduação *lato sensu* em Gestalt-terapia (Andrade, 2005).

Outros centros de pesquisa também se destacaram nas publicações analisadas, como o “Grupo de Estudos em Gestalt-Terapia de Belém” (GEGT-Belém), o “Instituto de Gestalt-Terapia de Brasília” (IGTB) e o “Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas” (NUFEN), cada um contribuindo com dois artigos, representando 8,33% das publicações para cada instituição. Estas organizações desempenham papel fundamental no desenvolvimento e aprofundamento dos conhecimentos teóricos e práticos da *Gestalt-terapia* no Brasil, não apenas fomentando a produção científica na área, mas também, no caso do IGTB, NUFEN e ITGT, oferecendo serviços de atendimento psicológico à comunidade, integrando assim pesquisa e prática clínica.

Quanto às universidades às quais os autores estão vinculados, destacam-se a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Universidade de Rio Verde (UniRV), Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade Federal do Paraná (UFPR), cada uma com 02 (duas) menções pelos pesquisadores, representando 8,33% das filiações institucionais. Ressalta-se a importante articulação desses grupos com o “Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas” (NUFEN) e os cursos de especialização ministrados por Jorge Ponciano Ribeiro entre 1996 e 1999, iniciativas que contribuíram significativamente para a formação de uma base sólida de profissionais que atuam nesta abordagem na região Norte do Brasil (Esch & Jacó-Vilela, 2019).

DISCUSSÃO

Em sequência prosseguimos a partir da leitura dos artigos selecionados na amostra uma análise aprofundada com a finalidade de investigar as três categorias levantadas que irão nos auxiliar a desenvolver o objetivo da pesquisa. As dimensões de análise são: (I) Fenomenologia como base epistemológica, (II) Método Fenomenológico como procedimento prático-clínico, e (III) Atitude Fenomenológica como postura do terapeuta.

(I) Devido à complexidade da filosofia fenomenologia, é um trabalho delicado delimitar a aproximação dessa filosofia com qualquer outra abordagem psicoterapêutica. Dentro da Gestalt-terapia, pelas discussões minutadas, pode-se perceber que frequentemente citam a Fenomenologia como um pilar teórico, mas raramente detalham epistemologicamente seus conceitos fundacionais. Alguns autores citam de forma mais abrangente considerando a influência de diversos autores fenomenológicos e existencialistas nomes como “Heidegger”, “Merleau-Ponty”, “Sartre” e entre outros intérpretes que surgem dando margem para a construção de uma fundamentação, como observado no trecho: “A Gestalt-terapia é um modelo pautado pela filosofia fenomenológico-existencial” (Ferreira, Leão & Andrade, 2008, p.155). No estudo de Vieira e Vandenberghe (2011, p. 79) abordam a questão “Em relação à Gestalt-Terapia percebe-se, no enfoque de muitos gestaltistas brasileiros, a utilização da Fenomenologia como base epistêmica da Gestalt-Terapia”, e dentro do seu estudo teórico aponta que a integração do pensamento originário da Fenomenologia dentro da Gestalt-terapia seria um exemplo bem-sucedido de integração de conceitos.

Edmund Husserl aborda em sua obra “Investigações Lógicas” (1901/2007) que inicialmente em que definiu a Fenomenologia como uma “psicologia descritiva das vivências”. Alguns dos seguidores de Husserl como Max Scheler e Edith Stein, Maurice Merleau Ponty, entre outros desenvolveram pesquisas que abordaram as questões de vivências psíquicas, proporcionando uma base para o que é denominado de psicologia fenomenológica, a partir da distribuição em solo estadunidense das produções desenvolvidas por esses e outros

autores trouxeram um distanciamento da obra original e seus conceitos. Sendo até mesmo olvidada a denominação de “psicologia fenomenológica” a que foi atribuída a esse conjunto de ideias (Oregon, Holanda & Goto, 2020).

Agora, na Gestalt- terapia vemos a associação com a Fenomenologia em alguns conceitos básicos utilizados pela abordagem como ‘contato’, ‘fronteira de contato’. From e Miller (1997, p. 29) aponta que: “Tal como concebida pela Gestalt-terapia, a fronteira de contato é um construto fenomenológico, do mesmo modo que o *self* que avança e retrocede, e o surgimento e desvanecimento do momento presente”. Conforme Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 69), “a definição de um organismo é a definição de um campo organismo/ambiente; e a fronteira-de-contato é, por assim dizer, o órgão específico de *awareness* da situação nova do campo”. É importante abordarmos esses conceitos, pois reflete a visão gestáltica de que o ser humano não é uma entidade isolada, mas está intrinsecamente conectado ao seu entorno, formando um campo relacional onde o *self* se manifesta.

Destarte, a Gestalt-terapia se apropria da Fenomenologia como uma abordagem que privilegia a descrição da experiência vivida sem pressupostos teóricos, alinhando-se à ideia de “retornar às coisas mesmas” (Husserl, 1913/2006, p.79). Assim, a fronteira de contato é considerada “fenomenológica” porque é observada e descrita como ela se apresenta na experiência do sujeito, sem reduzi-la a categorias causais ou positivistas (From & Miller, 1997, p. 28).

A Fenomenologia, segundo Husserl (1913/2006), é uma ciência das essências que investiga a estrutura intencional da consciência, definida como “consciência de algo”. A intencionalidade pressupõe que toda vivência consciente está dirigida a um objeto correlato (*noema*), acessível por meio da epoché e da redução fenomenológica (Husserl, 1913/2006, p. 79). A fronteira de contato, embora descrita como um processo consciente, não é analisada em

termos de estruturas noético-noemáticas, mas como uma experiência empírica de interação (Perls et al., 1997, p. 208).

Apesar de ser uma relação compreensível de ser colocada, os artigos analisados citam a Fenomenologia como um pilar teórico, mas raramente detalham seus conceitos fundacionais que reflitam sua prática. Podemos considerar a Fenomenologia como um dos influentes em partes para a construção de alguns conceitos da Gestalt-terapia. Enfatizo o ‘aqui-e-agora’, por ser algo central na abordagem e atravessar diversos fundamentos e estratégias clínicas (Costa, Lopes & Samaridi, 2017). No estudo de Arenhart e Freitas (2016, p.40) torna mais explícita essa influência ao abordar “[..] necessário considerar o aqui-e-agora como uma especialização e diferenciação da própria abordagem gestáltica que o implica enquanto elemento filosófico fundamental orientado por uma perspectiva fenomenológica”. Outros artigos analisados apontam a aplicabilidade clínica do ‘aqui-e-agora’ através da utilização da *epoché* ou redução fenomenológica, utilizando esses conceitos para favorecer a *awareness* do paciente no contato com sua experiência atual (Vieira & Vandenberghe, 2011; Mattar, 2010; Nascimento & Vale, 2013). Entretanto, ao considerarmos a obra de Husserl, em especial *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo* (1928/1994), torna-se evidente que sua proposta está pouco voltada à valorização do presente imediato e mais inclinada a uma descrição rigorosa da experiência consciente, incluindo suas dimensões temporais — retenção (passado), impressão originária (vivência atual) e protensão (expectativa). Para Husserl, toda consciência é consciência de algo, e nela se encontra um fluxo intencional em que o presente se constitui inseparável do passado e do futuro (Husserl, 1913/2006). Dessa forma, determinar a fenomenologia como base epistemológica seria abrandar até mesmo sobre as outras influências que fizeram parte de sua construção (Nascimento & Ribeiro, 2017).

(II) Além da relação epistêmica, podemos abordar sobre o método fenomenológico entendido como método clínico que apareceu nas produções analisadas no contexto

psicoterapêutico. Na clínica psicoterapêutica, esse método é colocado em prática como um recurso descritivo que favorece o entendimento da experiência concreta do cliente, relatada em primeira pessoa, e fundamentada na *awareness* (consciência processual) (Perls et al., 1997, p. 69). Os gestalt-terapeutas fundamentam-se no método fenomenológico, especialmente de tradição husserliana, para descrever a emergência da *awareness* e valorizar a experiência única do indivíduo. Assim, evitando recorrer a explicações causais ou a interpretações de cunho positivista, buscam compreender os fenômenos tal como se apresentam à consciência, priorizando a descrição rigorosa do vivido (Amorim, 2006). No entanto, ao transpor os pressupostos do método fenomenológico de Husserl — originalmente concebido em um contexto filosófico transcendental — para a prática clínica da Gestalt-terapia, emergem certas tensões. Estas decorrem principalmente das diferenças fundamentais entre a busca da essência dos fenômenos (redução eidética), característica da fenomenologia filosófica, e a abordagem empírica e situada que marca a atuação clínica. Assim, o diálogo entre o método fenomenológico e a Gestalt-terapia exige constante reflexão crítica sobre os limites e possibilidades de integração entre esses dois domínios.

Os artigos brasileiros analisados exemplificam a aplicação do método fenomenológico tanto em pesquisas qualitativas quanto na prática psicoterapêutica. Estudos como os de Ferreira, Leão e Andrade (2008) e Campos, Freitas e Ribeiro (2023) adotam o modelo de Amedeo Giorgi (1997/2008), que consiste em uma adaptação da fenomenologia husserliana para a descrição de experiências subjetivas em contextos empíricos, a exemplo da investigação sobre a relação entre espiritualidade e Gestalt-terapia (Ferreira, Leão & Andrade, 2008). No campo clínico, Vieira e Vandenberghe (2011) caracterizam a Gestalt-terapia, assim como outras abordagens humanistas, como “psicoterapias de base fenomenológico-existencial”, salientando o papel da “descrição da *awareness*” enquanto processo de tomada de consciência.

Uma análise mais detida dos estudos revela um ponto de tensão recorrente, pois ao mesmo tempo que afirmam recorrer ao método fenomenológico, alguns autores sustentam que a chamada “descrição gestáltica” distingue-se substancialmente da “descrição fenomenológica” proposta por Husserl. Enquanto esta última visa identificar as essências universais das vivências a partir da redução eidética, a abordagem gestáltica privilegia a descrição de elementos sensoriais, imediatos e singulares da experiência do cliente. Tal diferença sugere, conforme argumentam Oliveira Filho e Gomes (2012) e Borba (2024), uma apropriação frequentemente superficial da fenomenologia na prática clínica brasileira, limitando-se à dimensão descritiva e experiencial, sem adentrar as exigências metodológicas do rigor fenomenológico husserliano. Assim, a descrição na Gestalt-terapia assume um caráter eminentemente pragmático, orientado pela utilidade terapêutica e fortemente influenciado por perspectivas como o pragmatismo (Cataldo, 2013). Em vez de buscar as invariantes estruturais da experiência, como propõe Husserl (1913/2006), a Gestalt-terapia direciona-se à compreensão e transformação da experiência concreta do sujeito no *aqui e agora*, reforçando sua singularidade.

Na Gestalt-terapia, o conceito de experiência está alinhado à descrição experiencial, sensorial e concreta do que o sujeito-cliente vivencia, mediada pela *awareness* (Yontef, 1998). No estudo de Mattar (2010, p.79) destaca-se que a clínica fenomenológica descreve “o que se passa com o cliente a partir daquilo que ele mesmo revela”, enfatizando a singularidade. Entretanto, a análise dessas experiências singulares — ainda que descritiva e centrada na percepção imediata — não constitui propriamente uma aplicação do método fenomenológico de Husserl. Isso porque, na fenomenologia husserliana, o propósito central não é apenas descrever o que se apresenta na experiência individual/singular, mas sim em realizar a redução eidética: uma análise metódica em que se suspendem tanto as crenças do mundo natural quanto às explicações empíricas, visando acessar a essência (universal) dos fenômenos por meio da

variação imaginativa. Na prática clínica gestáltica, permanece-se no plano empírico, descrevendo fenômenos particulares sem operar a passagem para o universal eidético, ou seja, para aquilo que se mantém invariável em todas as experiências possíveis daquela essência.

Essa questão foi analisada pela pesquisa de Almeida (2022) que, a partir da obra “Gestalt-terapia” (1951), evidenciou que a concepção de “consciência” em Husserl difere da noção de *awareness* na Gestalt-terapia. Enquanto a Gestalt-terapia se concentra na descrição do mundo experienciado pelo sujeito individual e concreto, a fenomenologia husserliana descreve a consciência como intencional, buscando as estruturas apriorísticas da subjetividade transcendental. Sustenta Almeida (2022) que a interpretação da *awareness* pelos autores da Gestalt-terapia parece mais alinhada com uma visão pragmatista e funcionalista, presente na cultura estadunidense, que com a fenomenologia de Husserl. A fenomenologia busca alcançar essências universais por meio da análise filosófico-reflexivo, conforme o método fenomenológico; enquanto a Gestalt-terapia parte de uma descrição concreta e empírica dos elementos singulares da experiência. Lembra que Husserl também diferencia “experiência” (*Erfahrung*) e “vivência” (*Erlebnisse*), situando a experiência na atitude natural e a vivência na orientação fenomenológica.

Na prática clínica da Gestalt-terapia, o método fenomenológico é empregado pelos terapeutas como uma abordagem descritiva em primeira pessoa da experiência do cliente. O objetivo dessa descrição é apreender o significado do que se apresenta, sem recorrer a interpretações ou julgamentos prescritivos, conforme reforça Aguiar (2005, como citado em Mattar, 2010, p. 86), ao afirmar que o método “não visa interpretar, mas descrever o significado do que é expresso”. Um dos estudos analisados da amostra cita, por exemplo, “a abordagem gestáltica utiliza o método fenomenológico para a compreensão dos fenômenos que investiga, adotando a descrição dos fenômenos grupais – no caso do estudo dos grupos vivenciais – como seu recurso principal” (Boris, 2013, p. 01). Isso ilustra que, quando aplicada ao contexto de

grupos, a fenomenologia serve para descrever manifestações diretas das experiências grupais, sem a intenção de reduzir tais experiências a categorias generalizantes. No entanto, é importante destacar que essa prática clínica, embora se autodenomine “fenomenológica”, permanece voltada à descrição da experiência concreta e singular *aqui e agora*, sem realizar a redução eidética ou buscar as essências dos fenômenos, tal como propunha Husserl em sua fenomenologia transcendental. Assim, o chamado “método fenomenológico” na Gestalt-terapia privilegia o contato direto e descritivo com a experiência vivida, mas distingue-se da busca por universalidades estruturais e invariantes que caracterizam o projeto husserliano.

Ademais, a Gestalt-terapia se apropria da fenomenologia como um recurso descritivo voltado à valorização da *awareness* e da experiência em primeira pessoa. Tal apropriação pode ser observada em um dos artigos levantados na amostragem como Vieira e Vandenberghe (2011, p. 79), que classificam a Gestalt-terapia como um “método fenomenológico-existencial” justamente por priorizar a descrição do real tal como se apresenta ao sujeito. Do mesmo modo, Rodrigues (2000, como citado em Vieira & Vandenberghe, 2011, p. 80) caracteriza a fenomenologia como um “esforço de voltar às coisas mesmas”; entretanto, na aplicação clínica gestáltica, esse retorno às coisas mesmas se concretiza na apreensão da realidade única e particular do cliente, e não na investigação dos fenômenos compreendido fenomenologicamente como estruturas universais da experiência consciente, como propunha Husserl (1913/2006). É importante destacar que essa ênfase no experienciado singular, embora inspirada pelo movimento fenomenológico, reforça uma diferença fundamental em relação a Fenomenologia de Husserl: enquanto a fenomenologia filosófica busca a apreensão eidética, ou seja, as essências gerais e universais dos fenômenos, a clínica gestáltica permanece atrelada à descrição empírica do *aqui e agora* do sujeito, situando-se no campo experiencial e existencial.

A *awareness*, pedra angular da Gestalt-terapia, é frequentemente associada à consciência fenomenológica, mas seu entendimento e aplicação clínica revela diferenças fundamentais em relação à fenomenologia husserliana. A *awareness* na Gestalt-terapia concentra-se na experiência imediata do cliente, abrangendo sensações, emoções e interações no campo organismo-ambiente (Perls et al., 1951); enquanto Husserl (1913/2006) propõe uma investigação das estruturas universais da consciência por meio da *epoché* e da redução fenomenológica. A associação dos dois fundamentos é destacada pelo trecho “[...] as atitudes fenomenológicas do trabalho gestáltico no enfoque do presente ou aqui-e-agora” (Vieira & Vandenberghe, 2005, p. 79). Na clínica, o terapeuta emprega a “atitude fenomenológica” para estimular o cliente a verbalizar sua experiência em primeira pessoa, promovendo a autocompreensão no momento presente. Essa prática, embora inspirada pela fenomenologia, reflete influências pragmatistas, como as de Dewey (1931/2007), que valorizam a experiência concreta em detrimento da análise transcendental (Almeida, 2022). Destaca-se nesse ponto que para Husserl a Fenomenologia “[...] não é psicologia, e o que impede a inclusão dela na psicologia não são demarcações contingentes dos domínios, nem terminologia, mas fundamentos de princípio” (Husserl, 1913/2006, p. 26).

A tensão entre o empirismo psicoterapêutico da Gestalt-terapia e o transcendentalismo fenomenológico de Husserl gera uma dinâmica complexa na clínica. Essa tensão resulta, muitas vezes, em uma aparente inclusão de demarcações e terminologias fenomenológicas, sem, contudo, uma adesão própria e específica aos seus princípios fundamentais. A Gestalt-terapia privilegia a vivência singular do cliente, enfatizando processos como o ciclo de contato – que descreve a interação dinâmica entre necessidades, ações e resoluções no campo relacional (Perls et al., 1951) –, e a literatura encontrada sugere que a Fenomenologia é utilizada, sobretudo, para descrever e interpretar os fenômenos emergentes na sessão. O terapeuta, ao adotar uma atitude fenomenológica, busca acompanhar o fluxo do ciclo de contato, observando

como o cliente se engaja ou evita o contato com seu ambiente. Embora essa observação descritiva seja eficaz para promover a autocompreensão, ela não incorpora a redução fenomenológica da consciência (psíquica e transcendental), que poderia revelar padrões estruturais subjacentes às interações (Husserl, 1936/2012).

Os artigos brasileiros analisados ilustram o uso do método fenomenológico tanto em pesquisa qualitativa quanto na psicoterapia. No estudo de Ferreira, Leão e Andrade (2008) e Campos, Freitas e Ribeiro (2023) adotam o modelo de Giorgi (1997/2008), que adapta a fenomenologia husserliana para descrever experiências subjetivas em estudos empíricos, como a relação entre espiritualidade e Gestalt-terapia (Ferreira, Leão & Andrade, 2008). Na psicoterapia, Vieira e Vandenberghe (2005) propõe que a Gestalt-terapia e outras abordagens humanistas são “psicoterapias de base fenomenológico-existenciais”, enfatizando a descrição da *awareness* como um processo consciente. Contudo, diversos estudos argumentam que a “descrição gestáltica” difere da “descrição fenomenológica” husserliana, pois foca em elementos sensoriais e singulares, não em essências universais, essa distinção sugere uma apropriação superficial da fenomenologia na prática clínica brasileira (Oliveira Filho & Gomes, 2012; Borba, 2024). Alguns autores, fortemente influenciada por correntes humanistas e existenciais, priorizaram a co-criação de significados na relação terapêutica, alinhando-se mais com a fenomenologia existencial de Merleau-Ponty (1945/2011) que com a ciência transcendental husserliana (Müller-Granzotto & Müller-Granzotto, 2007). Mesmo assim a descrição gestáltica, continua sendo pragmática, focada na utilidade terapêutica (Cataldo, 2013).

O método fenomenológico, conforme proposto por Husserl (1913/2006), é um procedimento filosófico rigoroso voltado para a investigação das essências universais das vivências intencionais. O filósofo enfatiza a *epoché* e a redução fenomenológica para suspender a atitude natural, neutralizando pressupostos sobre a realidade e focando nas estruturas noético-

noemáticas da consciência (Husserl, 1913/2006, p. 89). Ainda, como esclarece Stein (2019, p. 152), as “coisas mesmas” referem-se às ideias ou essências, não aos objetos concretos do mundo.

Na Gestalt-terapia, porém, o método fenomenológico é “interpretado” como uma descrição da experiência vivida no *aqui-e-agora*, centrada na *awareness* do cliente (Perls et al., 1997, p. 208). Essa apropriação, embora inspirada pela Fenomenologia, conforme os autores, diverge do rigor husserliano ao priorizar o empírico e o singular, como observado em artigos brasileiros (Mattar, 2010). Uma distinção crucial na análise do método fenomenológico é a separação entre experiência (empírica) e vivência (intencional), conforme Husserl (1913/2006, p. 89). Na atitude natural, a experiência está envolvida em uma imersão direta em pensamentos, sentimentos e valores dados naturalmente, enquanto as vivências são os atos intencionais, acessíveis apenas por reflexão fenomenológica. Como afirma Husserl, a “atitude do olhar experiencial ao nosso psíquico se realiza necessariamente como uma reflexão, como uma virada do olhar que estava antes direcionado de outra maneira” (Husserl, 2022, p.88). E, assim exemplifica Husserl: “É através da reflexão que, ao invés de captar pura e simplesmente as coisas, os valores, as finalidades, as utilizadas, captamos as correspondentes vivências subjetivas nas quais estes se tornam ‘conscientes’ para nós, nas quais eles ‘aparecem’ [...]” (Husserl, 2022, p. 89).

A aplicação do método fenomenológico na Gestalt-terapia parece enfrentar importantes limitações conceituais. Conforme enfatiza Husserl (1913/2006), a fenomenologia transcende a investigação de eventos psicológicos empíricos e singulares, voltando-se à análise de vivências puras, ou seja, intencionais, acessíveis apenas a partir das reduções fenomenológicas, especialmente a *epoché* e a redução eidética. No contexto da Gestalt-terapia brasileira, entretanto, a chamada “descrição fenomenológica” da *awareness* e da experiência concreta do cliente não ultrapassa os domínios da atitude natural, pois não há análise reflexiva, suspensão

sistemática de pressupostos, nem a busca das essências que fundamentam as vivências, durante o processo psicoterapêutico. Essa limitação é reconhecida por Mattar (2010), ao apontar o método fenomenológico como uma “interessante possibilidade” para a psicologia clínica, embora sem aprofundar ou problematizar suas exigências husserianas. Na prática, tal apropriação genérica revela-se recorrente entre gestalt-terapeutas brasileiros, resultando em uma leitura marcada por influências humanistas, existencialistas e pragmatistas, como aponta Holanda (2005, p. 25), que privilegiam a descrição e a utilidade clínica em detrimento da radicalidade filosófica do método fenomenológico.

Em síntese, enquanto a Gestalt-terapia se beneficia de elementos fenomenológicos adquiridos por uma “visão-de-mundo” que a Fenomenologia produziu para enriquecer sua escuta clínica e ampliar a *awareness*, tem-se visto que sua prática clínica (método clínico) permanece distante do rigor e dos procedimentos próprios do método fenomenológico, limitando-se a uma adaptação própria e particular mais afeita ao contexto terapêutico empírico e singular.

(III) A chamada “atitude fenomenológica” é frequentemente apresentada como importante como postura clínica dos gestalt-terapeutas, referenciando-se, muitas vezes, na tradição de Husserl, principalmente ao propor o exercício da *epoché*, isto é, a suspensão de juízos prévios, para descrever os fenômenos conforme se mostram à consciência. Nos artigos analisados, expressões como ‘método fenomenológico’, ‘postura fenomenológica’ ou ‘atitude fenomenológica’ são utilizadas para orientar o terapeuta a acolher a experiência imediata do cliente no contexto clínico, buscando promover uma escuta dialógica desprovida de pressupostos teóricos ou pessoais (Campos, Freitas, & Ribeiro, 2023; Mattar, 2010; Vieira & Vandenberghe, 2011; Motta, Assis, & Satelis, 2020).

Entretanto, ainda que essas práticas remetam à inspiração do método fenomenológico, seu uso na Gestalt-terapia caracteriza-se por uma versão diferente e flexibilizada do conceito

original, tal como discutido no item anterior. A atitude fenomenológica (*phänomenologische Einstellung*) para Husserl (1913/2006) surge a partir da *epoché*, que não é uma negação do mundo, mas uma suspensão dos nossos juízos e pressupostos sobre ele. Ao "pôr entre parênteses" a existência do mundo, não a negamos, mas deixamos de fazer uso das nossas crenças habituais e de nossas teorias sobre ele, para podermos analisar como o mundo se manifesta à nossa consciência. Ainda, a atitude fenomenológica busca superar a relatividade dos interesses mundanos, reconhecendo o relativo, mas elevando-o como tal de maneira absoluta (Husserl, 1913/2006).

Diferentemente do rigor metodológico implicado na *epoché* e na atitude/orientação fenomenológica de Husserl (1913/2006) — que demandam uma suspensão radical de crenças e práticas e uma reflexão própria para o acesso à essência dos fenômenos —, a “atitude fenomenológica gestáltica”, como conceituado nos artigos, tende a se limitar ao acolhimento empático e à descrição do vivido singular do cliente, sem necessariamente transpor as exigências do método filosófico transcendental para o âmbito clínico. Dessa forma, conforme indicam os artigos encontrados (Nascimento & Vale, 2013; Vieira & Vandenberghe, 2011; Arenhart & Freitas, 2016; Motta, Assis, & Satelis, 2020), o terapeuta busca criar um espaço relacional aberto e livre de julgamentos, mas que comparado a atitude fenomenológica husserliana, permanece, em geral, no domínio do descritivo-situacional, privilegiando a utilidade terapêutica e o contato autêntico no *aqui e agora* da experiência.

Na prática clínica, a “atitude fenomenológica” na Gestalt-terapia manifesta-se sobretudo por meio de uma escuta atenta e pela valorização da *awareness*, evidenciando uma preocupação com o vivido do cliente em sua singularidade. Campos, Freitas e Ribeiro (2023, p. 8) destacam que “o método fenomenológico [...] foi citado como fundamental para a lida com as dimensões espirituais dos clientes”, sugerindo que princípios como a *epoché*, entendida aqui como suspensão dos julgamentos prévios, são considerados recursos relevantes para

acessar aspectos subjetivos mais sutis na clínica. Contudo, na Gestalt-terapia, o entendimento da aplicação da *epoché* tende a restringir-se ao atendimento acolhedor e ao afastamento de interpretações precipitadas, sem alcançar a suspensão radical dos pressupostos ontológicos e epistemológicos que configuram o rigor da redução fenomenológica em Husserl. Assim, embora a referência ao método fenomenológico represente um avanço para o reconhecimento e manejo das múltiplas dimensões da experiência subjetiva do cliente, a concepção de atitude fenomenológica parece permanecer em geral como um recurso instrumental pragmático, de valor psicoterapêutico, mantendo-se aquém das exigências filosóficas originais da fenomenologia transcendental.

A *epoché* husserliana visa transcender a atitude natural (*natürliche Einstellung*), suspendendo crenças e teses sobre a realidade para acessar vivências puras (Husserl, 1913/2006, p. 89). Como explica Rabanaque (2011), para Husserl, a atitude fenomenológica (*phänomenologische Einstellung*) representa uma mudança de orientação radical (epistemológica) em relação à atitude natural (*natürliche Einstellung*), que é a forma como ordinariamente nos relacionamos com o mundo. Na atitude natural, estamos "entregues ao mundo" (*Welthingabe*), aceitando-o como dado e acreditando na sua existência (*Weltglauben*) de forma ingênua. Nessa nova orientação (atitude), deixamos de nos dirigir diretamente às coisas ou ao "cogito" (como fez Descartes, por exemplo), e passamos a nos concentrar nas "maneiras de dar-se" dos fenômenos, ou seja, em como eles aparecem à nossa reflexão desinteressada. Assim, o objetivo não é descobrir "o que" as coisas são em sentido empírico, mas sim "como" elas se constituem para a nossa consciência (Rabanaque, 2011).

Na clínica gestáltica, o terapeuta busca uma postura semelhante ao evitar interpretações precipitadas, focando na experiência do "aqui e agora" (Yontef, 1988). A pesquisa de Nascimento e Vale (2013, p.164) reforça que "[...] a proposta de suspensão fenomenológica ao considerarem o processo de 'colocar entre parênteses' como fundamental para a comunicação

na terapia”. Na prática, essa “suspensão” apresentada diz respeito muito mais como uma abertura empática – uma postura específica do terapeuta –, permitindo ao terapeuta acompanhar a narrativa do cliente sem impor julgamentos, que uma *epoché* fenomenológica sistemática que visa explorar as estruturas intencionais da consciência.

Ainda, na clínica Gestalt-terapia, a atitude fenomenológica se manifesta na atitude clínica do terapeuta em acolher a singularidade do cliente, promovendo um espaço de encontro autêntico (Ginger & Ginger, 1995). O terapeuta se engaja na subjetividade do cliente, utilizando a inclusão dialógica para “entrar no mundo fenomenológico do outro” (Motta, Assis & Satelis, 2020 p. 386). Essa postura terapêutica facilita a exploração de questões sensíveis, como espiritualidade ou luto, ao priorizar a perspectiva do cliente, como sugere “desenvolver um trabalho centrado na perspectiva das(os) clientes” (Campos, Freitas & Ribeiro, 2023, p. 8). Embora os termos "atitude" e "postura" possam, nesse contexto gestáltico-terapêutico, ser utilizados de forma intercambiável, existe fenomenologicamente uma distinção relevante. Na acepção de Rabanaque (2011), enquanto "postura" evoca uma posição física ou um ponto de vista subjetivo (ponto de vista pessoal), a "atitude" abrange um modo habitual de orientação, marcado pela intencionalidade, voluntariedade e motivação. Nesse sentido, a atitude fenomenológica, tal como descrita por Husserl, não se limita a uma mera "postura" profissional ou intelectual, mas representa uma transformação radical na orientação de como nos relacionamos com o mundo, em especial com a reflexão. Essa atitude é fenomenológica quando implicada por uma “suspensão” dos nossos juízos e pressupostos (*epoché*), que consiste em uma análise prévia desses juízos e pressupostos; uma reorientação da nossa consciência para as "maneiras de dar-se" dos fenômenos; e, ainda, um compromisso com a compreensão do sentido do mundo, em vez de uma simples aceitação ou rejeição das nossas crenças habituais. Portanto, a atitude fenomenológica transcende a noção de uma "postura" profissional, configurando-se como um engajamento ativo e transformador com a experiência.

Cabe destacar que embora Husserl (1912/2006) reconheça que o termo "fenômeno" é utilizado de diversas formas em diferentes áreas do conhecimento, como no caso da Psicologia, cada uma com suas próprias nuances e significados. A Fenomenologia, embora também se interesse por esses "fenômenos" e reconheça suas diversas significações, adota uma abordagem completamente distinta, devido a essa nova orientação, a “atitude” ou a “orientação fenomenológica”, que transforma o próprio sentido de "fenômeno" que se encontra nas ciências tradicionais e aqui no campo da psicoterapia. Em outras palavras, a fenomenologia não simplesmente se apropria de um conceito já existente, mas o redefine e o ressignifica, de acordo com seus próprios princípios e objetivos. Como Husserl afirmou:

Entender tais modificações ou, para falar com mais exatidão, efetuar a orientação fenomenológica [**atitude fenomenológica**], elevar reflexivamente à consciência científica o que é propriamente específico a esta, assim como às orientações naturais – tal é a primeira tarefa, de modo algum fácil, de que temos de dar plenamente conta, caso queiramos alcançar o solo da fenomenologia e nos assegurar cientificamente da essência que lhe é peculiar (Husserl, 1913/2006, p. 25-26, acréscimo nosso).

As ideias apresentadas pelos gestalt-terapeutas sobre a atitude profissional do terapeuta, embora valorizem a escuta atenta, empática e a *awareness*, descrevem um conjunto de conhecimentos prévios, habilidades e técnicas específicas para lidar com as situações empíricas trazidas pelos clientes. Essa atitude, mesmo que permeada por uma visão mais humana e alinhada à valorização humanista da experiência vivida (Amatuzzi, 2009), configura-se como uma atitude clínica (profissional) que se desdobra ainda sobre o plano da atitude natural, sem necessariamente implicar a suspensão radical dos pressupostos e a busca pela essência dos fenômenos que caracterizam a atitude fenomenológica em seu sentido husserliano. Entende-se aqui também que seria muito difícil conduzir uma atitude fenomenológica no campo da

psicoterapia, no sentido husserliano, uma vez que se trata de conquistar a atitude fenomenológica via a atividade reflexiva fenomenológica, por excelência.

Também foi observado nos artigos uma relação com outros termos como ‘atitude existencial’ e ‘atitude ética’ sendo algo essencial na clínica gestáltica, refletindo a tentativa de suspender valores pessoais para acolher a realidade do cliente, uma outra forma de desenvolver e nomear o que seria a postura fenomenológica utilizada na clínica. Nesse estudo observa-se a utilização do termo para discorrer sobre o tema: “[...] a atitude ética do terapeuta [...] é isenta de seus valores” (Mattar, 2010, p.79). Na prática, o terapeuta utiliza a atitude fenomenológica para suspender preconceitos, especialmente em contextos delicados como o trabalho com crianças ou questões espirituais, permitindo que o cliente atribua significado à sua experiência (Mattar, 2010; Oliveira & Grubits, 2019).

Em especial é o estudo de Oliveira e Grubits (2019, p. 1038) que destaca o potencial do desenho como técnica, experimento e instrumento terapêutico fundamentado no método fenomenológico. Segundo o artigo, ao adotar uma "postura fenomenológica", o terapeuta abstém-se de interpretações prematuras, utilizando questionamentos abertos para explorar os significados que o cliente atribui às suas produções. Essa abordagem fortalece a relação terapêutica, criando um espaço de confiança onde o cliente pode explorar livremente suas vivências (Oliveira e Grubits, 2019). Por exemplo, ao trabalhar com desenhos, o terapeuta pode perguntar "O que esse traço representa para você?", promovendo a *awareness* sem impor categorias externas. Dessa forma, a atitude fenomenológica entendida aqui parece dar sustentação ao uso de técnicas expressivas, como o desenho, que permitem ao cliente externalizar sua experiência de forma não verbal. Contudo, essa prática permanece ainda ancorada no domínio empírico, uma vez que não emprega a redução eidética para revelar estruturas universais da experiência, como proposto por Husserl (Feijoo & Goto, 2016). A ênfase na expressão singular reforça o caráter humanista-existencial da Gestalt-terapia, além

de envolver uma direção para um âmbito temático específico (os problemas do cliente), um conjunto de interesses (ajudar o cliente a superar seus problemas) e um conjunto de métodos (técnicas terapêuticas, no caso a expressiva), o que ao nosso entender distancia a clínica do rigor metódico da Fenomenologia.

A formação clínica de terapeutas gestálticos no Brasil é um processo complexo e desafiador, dada a natureza multifacetada de suas influências. Apesar de certa clareza sobre suas influências relacionadas a Psicologia da *Gestalt*, a Teoria de Campo, a Fenomenologia, a Psicanálise, ao zen-budismo; é possível refletir que devido a heterogeneidade de influências teóricas e falta de delimitação de suas contribuições, isso pode ter refletido em uma apropriação superficial ou promovido certas confusões da Fenomenologia, como explicitado aqui, por causa de currículos que raramente incluem um estudo aprofundado da Fenomenologia de Husserl (Nascimento & Ribeiro, 2017).

Diante disso, conclui-se que, a “atitude fenomenológica” de Husserl não condiz a uma atitude profissional – postura do terapeuta –, uma vez que suspende a própria atitude natural em busca compreender o sentido do mundo e da vivência humana, não se dirigindo a um âmbito temático específico, mas sim à totalidade da experiência. Ainda, pensa-se aqui que, a Fenomenologia, diferentemente de uma atitude clínica, pode se estabelecer como condição-base para o exercício de qualquer profissão de forma autêntica e responsável (conduta ética), porque permite questionar e analisar os pressupostos e preconceitos envolvidos no processo psicoterapêutico, e assim levar a uma forma mais própria de se relacionar com os outros de forma mais aberta e empática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo investigar como os gestalt-terapeutas brasileiros estabelecem a relação entre a Gestalt-terapia e o método fenomenológico, buscando compreender em que medida e sob quais fundamentos conceituais a abordagem

psicoterapêutica se alinha à perspectiva fenomenológica, sobretudo à luz dos princípios de Edmund Husserl. A relevância desta investigação reside na necessidade de elucidar as bases epistemológicas que sustentam a prática clínica da Gestalt-terapia no Brasil, contribuindo para a construção de um sistema teórico-clínico coerente — condição essencial para a formação de profissionais e para o desenvolvimento crítico da abordagem.

Adotando o método da revisão sistemática qualitativa da literatura (RSQL), a pesquisa percorreu diferentes bases de dados nacionais, selecionando a partir dos critérios estabelecidos nove artigos publicados entre os anos de 2005 e 2025. A análise foi conduzida em duas dimensões complementares: uma quantitativa, centrada em aspectos de produção científica e filiação institucional; e outra qualitativa, estruturada em três eixos: (I) a Fenomenologia como base epistemológica; (II) o método fenomenológico como procedimento clínico; e (III) a atitude fenomenológica como postura do terapeuta.

Os resultados quantitativos indicaram nove artigos publicados entre 2005 e 2025, com maior concentração em 2013 (22,2%), evidenciando uma concentração de publicações na *Revista da Abordagem Gestáltica* (55,6%). Dentre as instituições identificadas as mais frequentes foram o *Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia* (ITGT) e o *Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas* (NUFEN), refletindo a relevância desses centros na produção científica nacional. Por fim, dentre os autores e coautores não houve recorrência de publicações, tendo duas publicações individuais sendo uma de Georges Daniel Janja Bloc Boris e a outra pela Cristine Monteiro Matta.

Na análise qualitativa os resultados evidenciam que, embora a Fenomenologia seja amplamente referida como fundamento da Gestalt-terapia, sua apropriação, em grande parte dos artigos analisados, carece de rigor conceitual e metodológico. Assim, conceitos como “fronteira de contato”, “aqui-e-agora” e “awareness” são frequentemente associados à Fenomenologia, mas essa associação revela-se influenciada pelas abordagens humanistas,

existenciais e pragmatistas, em detrimento de uma filiação direta ao projeto filosófico fenomenológico.

Ainda, verificou-se que o chamado “método fenomenológico” é aplicado na clínica gestáltica como uma prática descritiva e empática voltada à experiência singular do cliente, porém sem recorrer às reduções fenomenológicas — especialmente a *epoché* e a redução eidética — que caracterizam propriamente o método fenomenológico. De modo semelhante, a chamada “atitude fenomenológica” dos gestalt-terapeutas que se limita, na maioria dos casos, à escuta acolhedora e à atitude não-julgadora (no sentido inclusive moral), sem atingir o estatuto epistemológico, reflexivo e radical da atitude fenomenológica proposta por Husserl.

Em síntese, a pesquisa permitiu concluir que a relação entre Gestalt-terapia e Fenomenologia no cenário brasileiro acontece, predominantemente, por meio de apropriações parciais, flexíveis e, em certa medida, superficiais. Os resultados deste estudo corroboram e atualizam as conclusões alcançadas por Josiane Maria Tiago de Almeida (2022), cuja investigação já apontava para uma relação conceitualmente frágil e ambígua entre a fenomenologia filosófica, em sua matriz husserliana, e a Gestalt-terapia. Conforme Almeida (2022) demonstrou, embora a Fenomenologia seja frequentemente evocada como fundamento da abordagem gestáltica, tal referência recai, em grande parte, sobre um uso genérico do termo, distanciado das exigências metodológicas e ontológicas do projeto husserliano. Os achados da presente revisão sistemática confirmam essa tese, evidenciando que a Fenomenologia é apropriada mais como uma visão-de-mundo da experiência humana que como um método rigoroso de investigação psicológica. Assim, esta pesquisa reforça a crítica de Almeida ao indicar que a suposta filiação fenomenológica da Gestalt-terapia, ao menos tal como majoritariamente concebida no cenário brasileiro, baseia-se em interpretações particulares, diluídas, influenciadas por matrizes humanistas, pragmáticas e existenciais, o que compromete a fidelidade ao pensamento de Husserl e evidencia a urgência de uma revisão conceitual mais

criteriosa. Tal constatação sugere a necessidade de um aprofundamento filosófico nos processos formativos dos gestalt-terapeutas, com vistas a promover maior coerência entre o discurso fenomenológico e a prática clínica.

Todavia, é relevante assinalar que a Gestalt-terapia opera uma apropriação legítima, ainda que não metodologicamente rigorosa, da visão de mundo fenomenológica, especialmente no que tange à valorização da experiência subjetiva, da presença humana do terapeuta e da abertura do sentido no campo da existência concreta.

Por fim, este estudo também apontou para a possibilidade de desenvolvimento de novas investigações que explorem com mais precisão as potencialidades e os limites do método fenomenológico de Husserl no campo clínico. A articulação entre filosofia e psicoterapia continua sendo um terreno fértil, porém desafiador, que exige do pesquisador um olhar crítico, sensível e metodologicamente atento às distinções fundamentais entre experiência, vivência e essência.

REFERÊNCIAS

- Akobeng, A. K. (2005). Understanding systematic reviews and meta-analysis. *Archives of Disease in Childhood*, 90(8), 845–848. <https://doi.org/10.1136/adc.2004.058230>
- Almeida, J. M. T. de. (2022). Estudo sobre as relações entre a fenomenologia e a Gestalt-terapia: Contexto, aparições terminológicas e sentidos entrelaçados [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Uberlândia]. Repositório Institucional da UFU.
- Amatuzzi, M. M. (2009). Psicologia fenomenológica: Uma aproximação teórica humanista. *Estudos de Psicologia*, 26(1), 93–100. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000100010>
- Amorim, T. G. W. (2006). A exploração fenomenológica da consciência. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 12(1), 183–188. <https://doi.org/10.18224/frag.v27i2.4969>
- Andrade, C. C. (2005). Re-vivendo a história do ITGT. *IGT na Rede*, 2(2). <https://doi.org/10.5281/zenodo.14867829>
- Borba, J. M. P. (2024). Constituindo e evidenciando alguns fundamentos filosóficos para a atuação em psicologia clínica na orientação fenomenológica husserliana. *Conjectura: Filosofia e Educação*, 29, Article e24. <https://doi.org/10.18226/23188677.v29.e24>
- Camilo, C., & Garrido, M. V. (2019). A revisão sistemática de literatura em psicologia: Desafios e orientações. *Análise Psicológica*, 37(4), 535–550. <https://doi.org/10.14417/ap.1759>
- Cataldo, U. H. de P. (2013). Gestalt-terapia: Fenomenologia na prática clínica. *IGT na Rede*, 10(18), 187–222. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262013000100009&lng=en&tlng=pt

- Costa, V. E. S. M., Lopes, M. R. P. R., & Samaridi, I. (2017). A vivência do aqui-e-agora na relação terapêutica na abordagem gestáltica. *Fragmentos de Cultura*, 27(2), 303–312.
<https://doi.org/10.18224/frag.v27i2.4969>
- Esch, C. F., & Jacó-Vilela, A. M. (2019). A Gestalt-terapia chega ao Brasil: Recepção e desenvolvimento inicial. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 36, 1–29.
<https://doi.org/10.35699/1676-1669.2019.6847>
- Feijoo, A. M. L. C., & Goto, T. A. (2016). É possível a fenomenologia de Husserl como método de pesquisa em psicologia? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(4), 1–9.
<https://doi.org/10.1590/0102.3772e3241>
- Feijoo, A. M. L. C., & Mattar, C. M. (2016). Encontros e desencontros nas perspectivas existenciais em psicologia. *Psicologia em Revista*, 22(2), 258–274.
<https://doi.org/10.5752/P.1678-9523.2016v22n2p258>
- From, I., & Miller, M. V. (1997). Introdução à edição do *The Gestalt Journal*. In F. Perls, R. Hefferline, & P. Goodman, *Gestalt-terapia* (pp. 15–29). Summus.
- Ginger, S., & Ginger, A. (1995). *Gestalt: Uma terapia do contato*. Summus.
- Giorgi, A. (2008). Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: Teoria, prática e avaliação. In J. Poupart, J. Deslauriers, L. Groulx, A. Laperrière, R. Mayer, A. P. Pires, M. Jaccoud, A. Cellard, G. Houle, & A. Giorgi (Eds.), *A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 386–409). Vozes. (Original work published 1997)
- Gomes, W. B., & Castro, T. G. (2010). Clínica fenomenológica: Do método de pesquisa para a prática psicoterapêutica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(n. esp.), 81–93.
<https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/20712/14763>
- Goto, T. A. (2015). *Psicologia e fenomenologia: Aproximações e distanciamentos*. Escuta.

- Granzotto, D. J. M., & Müller-Granzotto, M. J. (2007). Gestalt-terapia e fenomenologia: Diálogos necessários. Summus.
- Holanda, A. F. de. (2005). Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas. Summus.
- Holanda, A. F. de, Souza, J. C., & Ferrete, Y. A. (2020). Revista da Abordagem Gestáltica – Phenomenological Studies: Sua produção científica entre 2007–2017. *Revista da Abordagem Gestáltica – Phenomenological Studies*, 26(1), 111–121.
<https://doi.org/10.18065/RAG.2020v26n1.10>
- Husserl, E. (1994). Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo (P. M. S. Alves, Trans.). Casa da Moeda. (Original work published 1928)
- Husserl, E. (2006). Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: Introdução geral à fenomenologia pura (M. Suzuki, Trans.). Ideias & Letras. (Original work published 1913)
- Husserl, E. (2007). Investigações lógicas: Prolegômenos para uma lógica pura: Fundamentação da lógica e doutrina da ciência. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. (Original work published 1901)
- Maslow, A. H. (1970). Introdução à psicologia do ser (A. Cabral, Trans.). Eldorado. (Original work published 1962)
- Müller-Granzotto, M., & Müller-Granzotto, R. (2007). Fenomenologia e gestalt-terapia. Summus.
- Nascimento, L. C. S., & Ribeiro, J. P. (2017). Reflexões acerca da formação em Gestalt-terapia no Brasil. *Psi Unisc*, 1(1), 142–153.
<https://doi.org/10.17058/psiunisc.v1i1.9557>
- Oliveira Filho, A. Q., & Wallersntein Gomes, P. (2012). Fenomenologia na Gestalt-terapia: Método ou muleta? *IGT na Rede*, 9(16). <https://doi.org/10.5281/zenodo.15042622>

- Orengo, F. V., Holanda, A. F., & Goto, T. A. (2020). Fenomenologia e psicologia fenomenológica para psicólogos brasileiros: Uma compreensão empírica. *Psicologia em Estudo*, 25, Article e45065. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.45065>
- Perls, F. S. (1979). *Escarafunchando Fritz: Dentro e fora da lata de lixo*. Summus.
- Perls, F. S. (1988). *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia* (2nd ed.). LTC Editora.
- Perls, F. S. (2002). *Ego, fome e agressão: Uma revisão da teoria e do método de Freud*. Summus. (Original work published 1942)
- Perls, F. S., Hefferline, R. F., & Goodman, P. (1994). *Gestalt therapy: Excitement and growth in the human personality*. The Julian Press. (Original work published 1951)
- Perls, F. S., Hefferline, R. F., & Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia*. Summus. (Original work published 1951)
- Pinto, R. B. (2015). *Diagnóstico em Gestalt-terapia: Uma abordagem fenomenológica*. Summus.
- Rabanaque, L. R. (2011). Actitud natural y actitud fenomenológica. *Sapientia*, 67(229–230), 119–142.
- Ribeiro, J. P. (2011). *Conceito de mundo e de pessoa em Gestalt-terapia*. Summus.
- Ribeiro, J. P. (2012). *Gestalt-terapia: Refazendo um caminho*. Summus.
- Schievano, B. A., & Goto, T. A. (2024). A psicoterapia humanista, fenomenológica e existencial: Revisão sistemática qualitativa da literatura. *Revista Subjetividades*, 24(3), Article e14159. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v24i3.e14159>
- Stein, E. (2019). A fenomenologia e seu significado de visão de mundo. In E. Stein, *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino* (U. A. Matthias, Trans., pp. 137–164). Paulus.
- Yontef, G. M. (1998). *Processo, diálogo e awareness: Ensaio em Gestalt-terapia*. Summus.